



VOZ de

ANTAS

Diretor/Editor: Pe. M. Brito Ferreira

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel



Taxa Paga
Portugal
Linda a Velha

Autorização nº 556928 de 50580

março - abril 2021
3ª Série - Ano XLV - nº 302
ISSN 2182-474 - Preço 2,5€

FIM DO CRISTIANISMO NA EUROPA?

1. Pergunta-se: o que se passou para que o jesuíta Victor Codina tenha podido escrever, num estudo sobre *Ser Cristiano en Europa?*, que estamos a assistir a um colapso do cristianismo na Europa?

Realmente, os dados são preocupantes. Exemplos: na Espanha, o número de agnósticos e ateus supera o dos católicos praticantes. Na França, a maior parte da população já não é católica. Na República Checa, mais de 60% declaram-se ateus. Nos Países Baixos, na Noruega, na Suécia..., o número dos que se declaram sem religião ronda os 50% da população. E tudo indica que o número de católicos e dos que se confessam cristãos vá diminuindo na Europa em geral e é, de facto, notória a exculturação do cristianismo... Quanto à juventude, os números são alarmantes: “uma grande parte vive à margem da Igreja, que, para ela, se converteu numa pequena e estranha seita”. A situação reflete-se na queda vertiginosa das vocações, com seminários vazios, muitas paróquias — o seu número aumentará sempre — não têm padre. E não é só “um inverno eclesial europeu”, assistimos também a um exílio de Deus...

Procurando causas. Quanto à Igreja-instituição, temos o impacto brutal dos escândalos clamorosos da pedofilia, bem como dos escândalos económico-financeiros e da corrupção no Vaticano. E, quando olhamos para as estruturas eclesiais, é inevitável a pergunta: onde está a simplicidade e a fraternidade exigidas pelo estilo do Evangelho? Acrescente-se o patriarcalismo, a exclusão das mulheres, o clericalismo, que é uma verdadeira “peste da Igreja”, como repete o Papa Francisco, implicando uma “estrutura perversa”, segundo G. Schickendanz. Há “um desfasamento teológico e cultural da doutrina e dos dogmas”, cujas formulações se devem à cultura helénica, longe da mentalidade moderna e pós-moderna. Acrescente-se “uma moral legalista e casuística, proveniente de uma

cont. na página 3

VOLTEMOS AOS LUGARES DE ANTAS

Já lá vão 3 anos!... Foi em “Voz de Antas”, n.º 283, de janeiro-fevereiro de 1918, que pela última vez forneci um artigo sobre alguns lugares de Antas. Nesse mesmo número agradeci a colaboração de vários profissionais que se ofereceram para a construção da obra que tinha prometido para breve. Até pedi a colaboração de uma lavadeira para que, no final, o trabalho saísse limpinho. Só uma se ofereceu mas, infelizmente, não me apresentou o necessário e indispensável diploma profissional.

Agora é fácil arranjar desculpas para o atraso da obra. Desde os ilustríssimos políticos aos competentes mestres de obras, e desde os felizes abastados aos esfomeados pedintes de rua, a desculpa nos atrasos e carências é sempre a mesma: COVID, COVID, COVID. Também me sinto tentado a alinhar com eles mas tenho que acrescentar alguma preguiça e desorganização da minha parte. Peço perdão.

Voltando atrás: os lugares a que já dei alguma publicidade foram os do Freixo, Foz do Neiva, Estrada, S. Paio de Cima, Pereira, Igreja e Monte. Faltam os de Azevedo, Belinho e Guilheta. Vamos a eles na esperança de que o maldito COVID nos não acompanhe.

continua na página 9

A via sacra da pandemia

Página 6

HORA VERDE ENVELHECER AO NATURAL

Página 10

‘FRATELLI TUTTI’ [TODOS IRMÃOS]

Página 12

INVESTIMENTOS PAROQUIAIS

1. TELHADO DA RESIDÊNCIA PAROQUIAL

O telhado da Residência Paroquial está com infiltrações várias, a necessitar de obras urgentes! Estamos na fase de receção e análise dos orçamentos para escolhermos aquele que tenha a melhor relação qualidade-preço. Não é possível continuar a fazer pequenas obras de restauro, mas será necessário proceder à substituição de toda a cobertura da residência, em concreto:

1. Remoção de toda a telha existente e madeiramento, limpeza, carga e transporte, para aterro autorizado;

2. Fornecimento e execução de estrutura de telhado em madres galvanizadas, tipo "C" 170, incluindo cortes, soldadura e todos os trabalhos inerentes à sua execução;

3. Fornecimento e colocação de painel de chapa sandwich, 5 ondas, de 40 mm, fixadas à estrutura de suporte através de fixação mecânica;

4. Fornecimento e colocação de ripado simples, em chapa galvanizada, fixado mecanicamente ao suporte, para posterior colocação de cobertura em telha;

5. Fornecimento e colocação de revestimento de cobertura em telha cerâmica, de cor vermelho, tipo Coelho da Silva Tecno (hidrófuga),

incluindo cumes e tamancos; 6. Fornecimento e execução de vedações na cobertura em chapa de zinco puro, incluindo cortes, fixações, dobragens e todos os trabalhos necessários à correta execução.

Pelos dados obtidos até ao presente, não será uma obra barata, mas continuamos a contar com a ajuda de todos, para deixarmos aos vindouros o património da nossa Paróquia no melhor estado possível.

2. PEQUENAS OBRAS DE MANUTENÇÃO E RESTAURO

Nos últimos tempos, salientam-se as seguintes pequenas obras para a manutenção dos bens paroquiais: limpeza

do telhado da capela de Santa Tecla, retirando as ervas e as folhas que caíram no Outono e Inverno, para não haver infiltrações no telhado da capela; aquisição de um armário em contraplacado marítimo e respetivo isolamento térmico, para a sacristia norte, para resguardar os equipamentos de som da igreja paroquial; aplicação de CUPRINOL ANTI-CARRUNCHO (duas demãos) nas madeiras do palco e camarins do salão paroquial, para tratamento das madeiras e eliminação dos insetos ativos e protegendo-o contra novas infestações.

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

Diretor / Editor
P.e Manuel de Brito Ferreira

Propriedade
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas – Esposende
NIPC: 501305173:

Depósito Legal: 18 861/84
ISSN: 2182-4746
ERC: Registo n.º 107 626

Tiragem: 800 exemplares

Redação / Administração:
P.e Manuel de Brito Ferreira
+351.253871438 / +351.965888508
pe.brito@sapo.pt / pe.manuel.brito.ferreira@gmail.com

Gonçalo Fernandes
+351.253871887 / +351.933258057
gf@utad.pt / goncalo.sa.fernandes@gmail.com

Morada do Editor / Proprietário / Redação
Centro Paroquial
4740-014 Antas EPS

Estatuto Editorial:
<https://www.facebook.com/pg/vozdeantas/about>
Versão Digital (PDF):
<http://www.cm-esposende.pt/jornais/>

Composição / Impressão:
TIPOPRADO-Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1, Apartado 6
4730-908 Vila de Prado
+351.253929140 – Fax +351.253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com



Quaresma

“Eis que subimos para Jerusalém:
tempo para renovar a fé, esperança e caridade”

A Quaresma é um tempo de 40 dias, com início na celebração das Cinzas (17 fevereiro), marcado por apelos ao jejum, partilha e penitência, como preparação para a Páscoa, principal festa do calendário cristão, a 4 de abril.

A Fé liberta e salva!

FIM DO CRISTIANISMO NA EUROPA?

cont. da 1ª página

antropologia dualista, pré-moderna, pouco personalista, muito centrada no sexo, que utiliza a pastoral do pecado e do medo do castigo para manter o povo cativo da Igreja.” Uma liturgia hierática, ritualista, ininteligível para a maioria dos fiéis, pouco ou nada participada. Para muitos, o cristianismo e a Igreja constituem “um *déjà vu*”, algo ultrapassado e em desuso; pior: para alguns, a Igreja é a personificação do pior da nossa cultura: “repressão, ânsia de poder, inquisição, censura, machismo, moralismo, ódio à vida, sentido de culpa e de pecado”.

Mais preocupante é que Deus se tornou longínquo, um estranho, “um Deus no exílio”, na expressão de L. Duch. No mundo da tecnociência, do consumo, do conforto, do hedonismo, do ter, do parecer e do aparecer, à volta de um “eu” desvinculado de toda a norma, entrou-se num imantentismo fechado, mais a-religioso do que anti-religioso, mas sem horizontes de transcendência: não interessa “o que vai para lá da vida quotidiana, do trabalho, do dinheiro, da comida, da saúde, do consumo, do sexo, do bem-estar e da segurança de uma velhice tranquila”. A vida é para gozar no sentido mais imediato do termo, na busca de uma juventude perene...

A pergunta é: e quando toda esta lógica é barrada, posta em causa? Isso constata-se agora, no meio desta catástrofe trágica da pandemia. De repente, um vírus invisível que invadiu o mundo todo, apoderando-se da Humanidade, veio travar e pôr em causa estes ideais. O mal-estar é deprimente e a esperança está em que, depois de um interregno, a que uma vacina ponha termo, se volte à “normalidade”, isto é, ao ponto onde fomos apanhados, para podermos avançar outra vez na lógica na qual se vivia. Ainda se não pensou profundamente sobre a impossibilidade deste raciocínio e seus pres-

supostos. De facto, já não se pode ignorar que o modelo anterior está posto radicalmente em causa. Porque é preciso entender que não é possível continuar o modelo tecnocrático de desenvolvimento ilimitado, que somos globalmente interdependentes, que o progresso tem de ter em conta as alterações climáticas, a biodiversidade, e avançar, portanto, segundo um modelo coerente com a urgência de “uma ecologia integral”, para utilizar a expressão feliz do Papa Francisco: o grito da Terra e o grito dos pobres, clamando por uma humanidade justa.

2. Mas também pode acontecer que as pessoas, confrontadas com o abismo da existência, com a morte, parem e reflitam, indo ao encontro do essencial, das perguntas últimas, do Mistério vivo e acolhedor. Vêm-me à memória palavras luminosas do grande Václav Havel, que constatou: “Estamos a viver na primeira civilização global”. Acrescentou: “Mas também vivemos na primeira civilização ateia, isto é, numa civilização que perdeu a ligação com o infinito e a eternidade.” As consequências disso: uma civilização obstinada em perseguir objetivos a curto prazo”, “o que é importante é que um investimento seja rentável em 10 ou 15 anos” e não os efeitos dentro de 100 anos. Depois, “o orgulho”, a *hybris* dos gregos. Por isso, suspeitava que “a nossa civilização caminha para a catástrofe”, a não ser que cure “a sua miopia e a sua estúpida convicção de onisciência, o seu desmesurado orgulho”. Achava que “o desenvolvimento desenfreado de uma civilização deliberadamente ateia deve alarmar-nos”. Considerava-se apenas meio crente, mas com “a certeza de que no mundo não é tudo apenas efeito do acaso” e convencido de que “há um ser, uma força velada por um manto de mistério. E é o mistério que me fascina”. “A transcendência é a única alternativa à extinção.”

Anselmo Borges, Padre e professor de Filosofia

GESTOS DE GENEROSIDADE

Desde o último número da Voz de Antas, recebemos mais os seguintes Gestos de Generosidade para a manutenção do património paroquial. A todos o nosso bem-haja.

Nome	Morada	Euros
Orquestra da Costa Atlântica - Associação de Música e Cultura	Esposende	40 €
Em memória e sufrágio de Maria Emília da Cruz Torres Viana	Belinho	50 €
Associação do Sagrado Coração de Jesus	Antas	2 000 €
Manuel Augusto Sampaio Cruz e Amélia, em memória e sufrágio de seus familiares	Azevedo	50 €
Manuel Cepa, em sufrágio de sua esposa	Guilheta	50 €
Em memória e sufrágio de Padre Adélio Torres Neiva, Clara Alves Cruz Viana, Igreja Missionária	Azevedo	50 €
Casal anónimo, em sufrágio dos seus familiares	Guilheta	500 €
Anónimo, em sufrágio dos seus familiares	Monte	150 €
Anónimo, em sufrágio dos seus pais e restantes familiares	Guilheta	250 €
Maria de Lurdes Soares dos Santos Neto de Miranda (Prof. ^a Milu), em sufrágio de seus pais e restantes familiares	Castelo do Neiva	150 €
Maria Belmira Queirós Gonçalves, em sufrágio de seu marido Manuel Ferreira da Cruz	Lugar de Azevedo	100€

Continua no próximo número

Nas mãos de Deus...

Partiram para a Casa do Pai



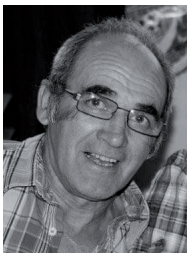
Manuel Ferreira Rodrigues, mais conhecido por Manuel do Taco, faleceu na Argentina na madrugada de 26 de janeiro de 2021 durante o sono.

Nascido a 27 de novembro de 1940 em Antas, emigrou para a Argentina em 1963 então com 23 anos. No mesmo ano casou com Cândida Alves Meira da

Cruz. Em conjunto criaram família na Argentina, nascendo dois filhos, Marcelo e Susana, bem como quatro netos.

Toda a sua vida de trabalho na Argentina foi dedicada à fabricação de tijolo. A nível social foi um defensor e dinamizador da comunidade Portuguesa, sendo sócio fundador do "Clube Português do Gran Buenos Aires – Ciudad Isidro Casanova.

Partiu para junto do Pai aos 80 anos.



Faleceu em França no dia 18/01/21 com 75 anos, **José Meira Laranjeira** nascido a 26/09/45 no lugar da Fonte, filho de Domingos Pires Laranjeira e de Amélia Rodrigues Meira.

O "Zé Meira" era casado com Maria Lurdes Cruz Costa (f.19/04/13) com quem teve 4 filhos, Carlos Eduardo, Maria José, João Paulo (f.25/06/20) Luisa e 8 netos e 2 bisnetos, todos residentes em França. Enquanto em Portugal, era conhecido como jogador de futebol, tendo sido campeão regional pelo Forjães.

O desejo de uma vida melhor e as dificuldades de quem tem de garantir o sustento diário de uma família, levaram-no a emigrar para a França onde foi membro activo da comunidade onde residia. Após uma vida dedicada à família e ao trabalho deixou-nos no início deste ano perdendo a batalha contra a doença,

Deixa na memória daqueles que o conheceram a gargalhada franca, a simpatia e o gosto pelas suas origens, bem patente nas inúmeras visitas que fazia à terra que o viu nascer.

Na família, deixa a eterna saudade daqueles que partem injustamente. Que descanse em paz.

Alice Ferreira Alvarães, nasceu a 16 de Junho de 1937 na freguesia de Antas, lugar de Belinho.

filha de Adelaide Rodrigues Ferreira e José Fernandes Alvarães.

Contraiu matrimónio com Serafim de Matos Martins e dessa união nasceram 4 filhos (Manuel Fernando, Rita, Serafim (já falecido) e Ofélia que

mais tarde lhe deram 3 netos a Sara, o Luís e o Renato e uma bisneta a Clara.

Após vários anos incapacitada e recolhida no seu lar, veio a falecer no hospital de Barcelos a 24 de Janeiro.

Esposa, mãe, avó e bisavó dedicada enquanto a saúde lho permitiu, partiu tranquilamente para junto de Deus.

A família agradece todas as palavras de conforto neste momento tão delicado.



13/11/1932 – 24/01/2021

Partiu a Tia **Cândida do Armindo**, como assim era conhecida carinhosamente por nós, e por todo povo de S. Paio de Antas, terra que a viu nascer.

Cândida Alves Laranjeira, com 88 anos de idade, filha de Arménio Pires Laranjeira e de Maria Alves Rolo, eram 5 irmãos (o Padre Laranjeira, a Amélia (já falecidos) a Victoria e a Adelaide).

Em 31 de Outubro de 1960, casou com José Alves Rolo Afonso, já falecido, no qual tiveram 7 filhos (Augusta, Lurdes, Amélia, Isabel, Manuela, Arménio e Manuel) 5 netos (Zita, Sérgio, Rita, Margot e a Barbara), 4 bisnetos (Beatriz, Lourenço, Benedita e João).

Celebraram um dia marcante, as Bodas de Ouro, sempre recordado por toda a família e sendo este atogrande, conseguiu-se reunir toda a família e amigos para celebrar tal ato de amor e grande amizade.

Juntos venceram grandes batalhas como a criação dos filhos, netos, nem sempre foi fácil, mas a vida encarregou de lhes ensinar a cuidar e a amar.

Fica a saudade de uma mulher de armas, amiga da família e sempre pronta para ajudar os outros.

A vida nunca lhe foi fácil, de tenra idade, começou a trabalhar, foi servir para a casa da família do Sr. Manuel Ferreira (em S. Paio d'Antas), depois passado alguns anos e após o casamento começou a trabalharna lavoura.

Até aqui viajamos juntos, não faltaram grandes obstáculos mas com a sua ajuda sempre foram superados.

Embora continuemos a sentir a dor da ausência, ficamos com a alegria dos momentos vividos e especiais. Estará para sempre no coração daqueles que bem a conheciam.

A família vem por este meio agradecer a todos aqueles que homenagearam este seu ente querido.

Que Deus a tenha junto de si e dê Paz a sua alma.



**MARIA ANGÉLICA VIEGAS DA
CONCEIÇÃO
(1932-2021)**

No dia 4 de janeiro, faleceu na sua residência, em Lisboa, D.^a Maria Angélica Viegas da Conceição, esposa do nosso conterrâneo José Gonçalo de Sousa Caseiro. Nascida em 22 de março de 1932, na Azinheira dos Barros, no concelho de Grândola, contraiu matrimónio, em 31 de janeiro de 1960, em Lisboa, com José Gonçalo de Sousa Caseiro, natural do Lugar de Guilheta. Desse casamento, em que celebraram, no ano passado, as Bodas de diamante (60 anos), tiveram dois filhos (Nélson Gonçalo e Alexandra Maria), três netos (Ana Catarina, João Pedro e Nuno Filipe) e ainda dois bisnetos (Laura Maria e Vasco Miguel). A *Voz de Antas* junta-se à família enlutada e deixa aqui uma mensagem de gratidão a todas as pessoas de S. Paio de Antas que, direta ou indiretamente, dirigiram o seu apoio e carinho por tão difícil momento de dor e sofrimento. Que descanse em paz e o Criador receba a sua alma entre os seus eleitos.

MANUEL DA CRUZ NEIVA

No passado dia 5 de fevereiro, na vizinha freguesia de



Forjães, faleceu o nosso conterrâneo Manuel da Cruz Neiva. Nascido a 20 de Agosto de 1933, no lugar do Monte, desta freguesia de Antas, era filho de Avelino Gonçalves Neiva e de Maria Alves da Cruz, sendo o mais novo dos seis filhos deste casal. Ficou órfão de mãe com a tenra idade de 14 meses.

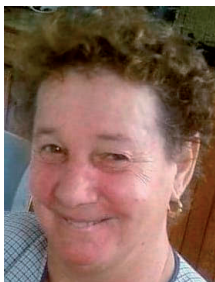
Os mais antigos lembrar-se-ão dele como o “Manel da Padaria”.

De trato afável e com grandes qualidades humanas, tinha um arreigado amor à família e à sua terra. Não obstante ter fixado residência em Forjães, pelo seu casamento com Maria Marta Ribeiro Lima, a 7 de novembro de 1959, nunca cortou o cordão umbilical que o ligava à sua terra natal. Enquanto a saúde lho permitiu, visitava amiúde os seus familiares e amigos. Há que destacar também a sua fé e crença em Deus, nunca descurando as suas obrigações e deveres de fiel católico.

**MARIA VITÓRIA PEREIRA
DA CUNHA
(1939–2021)**

Maria Vitória Pereira da Cunha, nascida a 2 de setembro de 1939, em Antas, no lugar de Belinho, faleceu em França no dia 1 de março de 2021, vítima de doença cancerosa.

Era filha de Domingos Alves da Cunha (Domingos do Custódio) e de Maria Fernandes Pereira. Em 6/7/1963 casou com António Pereira Portela, de cujo casamento nasceram os seguintes filhos: Fernando, António, Agostinho, Domingos, Manuel, Mónica e Lúcia. Emigrou para França no ano de 1969.



Há mais uma estrelinha no céu

Quando parte um ente querido, ouvimos da boca dos familiares e dos amigos que nos acompanham na dor e na tristeza, as palavras de conforto, de apoio, no abraço fraterno, esta frase: há mais uma estrelinha no céu. Sim, esta frase fica presente na nossa dor, na tristeza, na mágoa, nas lágrimas, no choro, no silêncio da nossa alma, nas vinte e quatro horas. Mas é a noite quando olhamos para o céu ao contemplar as estrelinhas lá longe no firmamento a frase, há mais uma estrelinha no céu que bate no fundo, na dor do sofrimento de um coração triste e magoado, que as lágrimas silenciosas correm pela face.

Todos sabem que a morte faz parte do ciclo da vida, da caminhada terrestre, sendo a morte, o fim desse ciclo e dessa caminhada. Quando chega a morte, fecha-se o ciclo, termina-se a caminhada, abrindo outro ciclo, outra caminhada.

Para nós, os católicos, a morte significa o caminhar ao encontro da eternidade, a vida não nos é tirada, mas sim transformada, mas a morte de um ente querido é difícil, a partida e a separação nem sempre é tranquila e é nessa altura que o padre ao confortar os familiares lembra que é necessário, o acolhimento da finitude da vida.

A dor da perda de um filho é a mais avassaladora e a mais terrível dor que o ser humano terá que carregar até quando o seu coração deixar de bater. Na perda de um filho, um pedaço do pai e da mãe se perdem para sempre. Metade das suas almas também partem.

Na sociedade quando perdemos os pais, chamam aos filhos órfãos, quando o casal perde um dos conjuges, chamam de viúvo(a), mas não há nada para classificar, chamar aos pais, porque a morte de um filho é contranatura.

A morte dos pais é o ciclo correto, os mais velhos já viveram a vida. A própria sociedade na morte de um conjuge, permite que o(a) viúvo(a) refaça a sua vida matrimonial, visto passado seis meses podem tornar a casar.

A perda de um filho é um dos acontecimentos mais dolorosos na vida de um ser humano. Há perguntas que nunca mais terão respostas, o porquê de na flor da vida, no auge da juventude, Deus te levou? Porquê agora que estava tudo bem na família? Porquê? O recordar o ente querido o se, fará parte do pensamento: se fosses vivo, estarias no almoço familiar dominical, nas festas dos aniversários, a com a tua alegria, o teu sorriso. Se fosses vivo estarias com os teus amigos na cavaqueira, na brincadeira. Se fosses vivo já estarias casado? Se fosses vivo já terias filhos? Ai, oh meu Deus, os se que nos acompanham pela vida fora.

Na perda de um filho há uma certeza, a dor, a tristeza, só deixará de existir quando o coração deixar de bater, porque até lá: há mais uma estrelinha no céu.

Mário Poças

C A T E Q U E S E

Iniciamos na quarta-feira de cinzas um longo caminho, que nos levará à Páscoa. Este caminho deve ser um caminho de conversão, de oração, de entrega.

Na sua mensagem para a Quaresma o Papa Francisco diz:

“Ao percorrer o caminho quaresmal que nos conduz às celebrações pascais, recordamos Aquele que «Se rebaixou a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz» (*Flp 2, 8*). Neste tempo de conversão, renovamos a *nossa fé*, obtemos a «*água viva*» da *esperança* e recebemos com o coração aberto o *amor de Deus* que nos transforma em irmãos e irmãs em Cristo.”.....

“Neste tempo de Quaresma, *acolher e viver a Verdade manifestada em Cristo* significa, antes de mais, deixar-nos alcançar pela Palavra de Deus, que nos é transmitida de geração em geração pela Igreja. Esta Verdade não é uma construção do intelecto, reservada a poucas mentes seletas, superiores ou ilustres, mas é uma mensagem que recebemos e podemos compreender graças à inteligência do coração, aberto à grandeza de Deus, que nos ama ainda antes de nós próprios tomarmos consciência disso. Esta Verdade é o próprio Cristo, que, assumindo completamente a nossa humanidade, Se fez Caminho – exigente, mas aberto a todos – que conduz à plenitude da Vida.”....

“*No contexto de preocupação* em que vivemos atualmente, onde tudo parece frágil e incerto, falar de esperança poderia parecer uma provocação. O tempo da Quaresma é feito para ter esperança, para voltar a dirigir o nosso olhar para a paciência de Deus, que continua a cuidar da sua Criação, não obstante nós a maltratarmos com frequência.....

“Na Quaresma, estejamos mais atentos a «dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam, em vez de palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam» (*FT, 223*). Às vezes, para dar esperança, basta ser «uma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença» (*FT, 224*).”....

“*A caridade alegra-se ao ver o outro crescer*, e de igual modo sofre quando o encontra na angústia: sozinho, doente, sem abrigo, desprezado, necessitado... A caridade é o impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão.”

“*Viver uma Quaresma de caridade* significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de Covid19. Neste contexto de grande incerteza quanto ao futuro, lembrando-nos da palavra que Deus dera ao seu Servo – «não temas, porque Eu te resgatei» (*Is 43, 1*) –, ofereçamos, juntamente com a nossa obra de caridade, uma palavra de confiança e façamos sentir ao outro que Deus o ama como um filho.”....

“Cada etapa da vida é um tempo para crer, esperar

e amar. Que este apelo a viver a Quaresma como percurso de conversão, oração e partilha dos nossos bens, nos ajude a repassar, na nossa memória comunitária e pessoal, a fé que vem de Cristo vivo, a esperança animada pelo sopro do Espírito e o amor cuja fonte inexaurível é o coração misericordioso do Pai.”

Que Maria, Mãe do Salvador, fiel aos pés da cruz e no coração da Igreja, nos ampare com a sua solícita presença, e a bênção do Ressuscitado nos acompanhe no caminho rumo à luz pascal.

Para nos ajudar a melhor viver este tempo tão incerto nada melhor que rezar e meditar **A via sacra da pandemia**

Esta Via-sacra é, ao mesmo tempo, um texto de ficção e um pequeno ensaio teológico em que Jesus Cristo percorre todas as etapas de um infetado com covid-19. A densidade espiritual é fortíssima e representa, mesmo na sua estranheza, um modo eficaz de dizer como a solidariedade redentora de Jesus acompanha o Ser Humano, qualquer que seja a situação em que este se encontre. O autor desta Via-sacra é o teólogo Padre Alexandre Palma, docente na Universidade Católica Portuguesa.

Primeira estação: Jesus tem sintomas

Foi mais um dia intenso. Muito andar. Muito conversar. Encontros variados. Uns pessoais, tu a tu. Outros não tanto. Reuniões com estranhos e conhecidos. Uns vindo de perto, outros chegados de longe. Anoiteceu. Chegou, enfim, a hora do silêncio. Saiu da cidade e entro no recolhimento possível. «Descansa agora um pouco», ouço-me dizer. Mas algo não está bem. Sinto um incómodo vago. Não é uma certeza. É uma dúvida chata. Não é nada de especial. É só uma sensação difusa de cansaço. E talvez também uma ligeira dor de cabeça. Mas desconfio do meu corpo. Desconfio de mim mesmo. Deve ser só psicológico. A noite, contudo, faz-se mais densa. O incómodo confirma-se. Vigio toda a noite. Que escura se tornou! O meu próprio corpo o sinto arder. Suo. Suo muito. Estremeço de febre. Afinal, não consigo sossegar. Agora soma-se-lhe a tosse. E uma dor que veio morar no meu peito. Tusso até não poder mais. Inquieto-me. Canso-me. Esgoto-me. A cabeça não para. Não consegue calar a pergunta: Porquê logo agora? Porquê nesta hora? Pode não ser nada. Pode também ser aquele vírus de que oiço falar. Até eu terei sido infetado? Espero o melhor. Mas angustio-me com a possibilidade de tal não vir a acontecer. A minha alma está perturbada. Afaste-se de mim esse vírus!

Segunda estação: Jesus informa os amigos e colegas de trabalho

Penso nos outros. Sobretudo nos que me estão mais próximos. De repente, uma sombra lívida me envolve. Gelo só de imaginar: e se lhes passei o vírus? Falta-me o ar. Não são os pulmões que fraquejam. É o susto que me paralisa o peito. Sufoco só de pensar

que lhes possa ter transmitido o vírus. Logo eu. Logo a eles, a quem tudo amo. Que tortura pérfida a desta doença! Corrói-nos os laços, antes mesmo de nos destruir os pulmões. O seu primeiro sintoma é mesmo a solidão. E o medo. Não apenas medo por mim. Medo também pelo próximo. Medo pelo que por minha causa lhe venha a suceder. Que angústia de morte! É preciso agir. Tenho de lhes dizer. Preciso de os prevenir. Falo-lhes à distância. Encontro-os ainda a dormir. Não vigiam comigo. Aliás, nestas circunstâncias, não o poderiam fazer. Mostro-me como estou. Falo-lhes abertamente do que sinto. Surpreendidos, não compreendem. Anuncio o meu necessário isolamento. Vou ter me retirar. Vou-lhes ser retirado. Mas eles mo serão também. Antecipo-lhes o seu próprio isolamento. Sou eu agora o leproso e o excluído. Tomem cuidado. Estejam atentos aos sinais. Este vírus também vos há-de perseguir a vós. E remato: levantem-se, vão.

Terceira estação: Jesus liga uma primeira vez para a linha telefónica de apoio

Preciso de ajuda. Recorro ao que insistentemente publicitam estar ali, disponível para me dizer o que é preciso fazer. Pelo telefone é seguro. Garantem que será simples. Há até boas razões cívicas para o fazer. Assim não entupirei ainda mais os já sobrelotados serviços de saúde. Poderei até curar-me aqui, sem sair do meu espaço e fora da cidade. Isto, se é que estou mesmo doente. Do outro lado estará alguém que conhece os mistérios deste vírus. Bastará chamar e essa voz mágica a tudo responderá. Assim faço. De tão ouvido por estes dias, o número de telefone sei-o de cor. Faço a chamada. É preciso esperar. Di-lo uma voz mecânica, interpolada por música que não é mais que um imenso vazio sonoro. Ao início havia a expectativa de as coisas se poderem compor. E o ânimo correspondente. Mas a prolongada espera tudo muda. Primeiro, transformando-os em irritação. Depois em cansaço. Ao fim, em desnorre. Agora o que é que eu faço?

Quarta estação: Jesus isola-se de sua Mãe

Sinto falta da minha mãe. A doença tem o condão de ressuscitar em nós aquela carência de criança que só uma mãe pode satisfazer. A solidão deste vírus torna a sua ausência ainda mais sentida. Tenho de lhe falar. Não posso deixar de lhe contar. Ela própria, decerto, já intuiu que algo se passa. A uma mãe não se pode mentir e nada se consegue esconder. Mesmo sem saber, ela já o saberá. Mas, ao mesmo tempo, não o posso fazer. É preciso cabeça fria. Sejamos lógicos. Querirá vir imediatamente. Correrá sobre quaisquer obstáculos. Não se poupará. Esquecer-se-á de si. Relativizará os cuidados e distanciamentos recomendados. Querirá colocar-se entre mim e o vírus. Mas já tem alguma idade. Não pode ser. Pertence ao grupo de risco. Para ela será provavelmente fatal. Temos de estar isolados. Temos de nos isolar um do outro. Estranha terapêutica nos impõe este vírus: isolar um

filho de uma mãe. Nova expulsão, agora imposta pelas leis mais negras da natureza. Como se uma mãe, como se a minha mãe, não experimentasse também em si o vírus que me mora no corpo. Como se nela não morasse tudo de meu, ela que me trouxe todo em si.

Quinta estação: Jesus é ajudado pelo cireneu a fazer compras no supermercado

Acasos da vida ou talvez coisa diferente. Só me resta o vizinho do lado. Aquele que até me parecia simpático, mas com quem nunca troquei uma palavra. Só um esporádico e atrapalhado cruzar de olhares. Aquele com que por vezes nos cumprimentamos em sociedade. Vemos que fomos vistos e isso basta para garantir o ritual. Instrumentaliza-se o olhar. Assim não passamos por antipáticos e, simultaneamente, conservamos os outros à distância. É um olhar sanitário, sem contacto físico ou emocional. Como se prescreve por estes dias. Mas que fazer? Não me resta mais ninguém. Consta que este vizinho, neste contexto de pandemia, tem ajudado os mais velhos das redondezas. Faz-lhes as compras. Vai ao supermercado, à padaria e à farmácia. Garante-lhes o essencial a quem se encontra nesta reclusão domiciliária. Ele é, paradoxalmente, sinal da vitória e da derrota do vírus. Impede que os mais vulneráveis se exponham ao seu contágio. Mas mostra bem a força do cerco que ele nos montou. Agora tocou-me a mim. Sou eu quem preciso dele. Sou eu, agora, o vulnerável. Em quarentena, aprendo a custo o que isso significa.

Sexta estação: Jesus liga uma segunda vez para a linha telefónica

Isto tem de ter uma solução. Pelo menos uma resposta. Insisto uma e outra vez pelo telefone. Não sei se o faço por clarividência ou se por aflição. Faço-o por necessidade. Sobre isso, não há dúvida. Acredito mesmo que quem pede recebe; que a quem é importuno acaba por lhe ser feita justiça. As tentativas de telefonema sucedem-se. Insisto, mas a teimosia não basta. O estado de espírito vai-se alterando. O resultado, contudo, não. Não consigo estabelecer contacto. Fico a falar sozinho. Do outro lado parece não haver ninguém para me escutar. Muito menos para me dirigir uma palavra sequer. Vou-me abaixo. Caio-o. A cada telefonema frustrado fico prostrado, por dentro e por fora. À fadiga imposta pela doença soma-se-lhe a solidão. Estou só. Estou só, nisto. Desorientado, por não saber o que fazer. Encurralado, por não poder sair. Abandonado, por não ter quem me valha. Não sei como o vírus poderia conseguir algo pior. Finalmente, alguém atende! Vem aí ajuda.

Sétima estação: Verónica põe a máscara respiratória a Jesu

Não lhe chego a ver a cara. Vem protegida com fatos que nem sei descrever. Mas por detrás daquele equipamento sintético está alguém de verdade. Ela torna-se para mim, de imediato, a imagem da esperança. É um efeito inevitável de quem é visitado por um pouco de branco

em circunstâncias tão escuras. Talvez haja uma saída. Aprecio a delicadeza com que me aborda. Coloca na voz um tom intencionalmente tranquilo. Esforça-se, mas não consegue esconder a sua apreensão. Faz-me o que percebo serem as perguntas de catálogo para esta doença. Como boa profissional da área, cumpre os protocolos médicos. Percorre os vários sintomas. Tenho tudo. A minha desconfiança tornou-se também a dela. Só o teste o poderá confirmar. Mas entre nós não restam muitas dúvidas: é o vírus. Já me habituara a dizê-lo na minha cabeça. Mas as minhas palavras não são as de um profissional de saúde. Ouvia-lo na boca dela foi outra coisa. Os meus medos e dúvidas, de repente, ganharam substância. Têm agora nome e diagnóstico. Só me resta mesmo colocar a máscara. Passo agora a ter de usar o grande símbolo desta pandemia. Também a mim, o vírus expropria-me do meu próprio rosto. A minha face torna-se igual à de todos outros que foram também tocados por esta pandemia.

Oitava estação: Jesus espera ser atendido num hospital de campanha

A minha situação degrada-se. Os sintomas avançam galopantes. Quase não consigo falar. Às tantas perguntas que me fazem devolvo apenas silêncio. Sou transportado por astronautas que visitam esta terra. Estou agora num parque de estacionamento. Deserto de alcatrão, ocupado por um hospital improvisado. Apetece-me o silêncio, mas o amarelo daquelas tendas berra-me aos olhos. A emergência fez nascer um hospital à frente do hospital. É assim porque os desta doença são diferentes. Têm de ficar fora. À porta. Para não contaminar. Há que esperar. Nós somos muitos. Eles são poucos. É fora que é feita a triagem. Esta ditará o que fazer. Melhor: ditará o que me farão. Entretanto, espero. A angústia está lá. Não sei por que graça, mantenho-me firme. Sinto os calores do corpo. Tremo e tusso sem parar. Padeço a espera. Mas também há dignidade na doença. Disto não vou abrir mão. Essa, repito, não sei por que graça tomou conta de mim. Vou com ela até ao fim.

Nona estação: Jesus desinfeta as suas vestes

O vírus pegou-se a tudo. Por isso nada posso ter comigo. Até o que me reveste o tenho de deixar. Despojado de tudo. Afastado de todos. Despem o nada que sobra de mim. Vejo os restos da minha identidade serem ensacados. Divididos pelo lixo hospitalar. Tudo hermeticamente selado e rotulado: biohazard. Vestem-me de algo que não sou, mas em que me tornei. Roupa de hospital, assética e industrial. Sinto-me nu, embora vestido. Colocam-me na mão o suporte para o soro. O meu único afago tátil. A minha companhia mais próxima. O frio do metal queima na mão febril. Eis o doente! Despersonalizado, torno-me apenas mais um naquele corredor sem fim. Irmão de todos os demais. E eles de mim. Familiarizados pelo que do vírus nos corre nas veias. Estamos juntos naquela barca invertida. Somos herdeiros nas sortes que a pandemia lançou.

Décima estação: Jesus faz (finalmente) o teste

A dimensão do caos só é suplantada pela grandeza da generosidade. O esgotamento é geral. A dedicação também. Mas a escassez é evidente. Não chega para todos. Não chega para tudo. O desalento também se contagia, circulando entre doentes e cuidadores. Desde que aqui cheguei aguardo o teste que tudo esclarecerá. Entre nós, os doentes, ele parece uma miragem. Um Godot para nós. É ele o assunto. Mas de que serve falar? Não o vejo chegar. Não basta chamar. A voz emudeceu. Os ouvidos, pelos vistos, também. O tempo é nosso inimigo. Finalmente acontece. Fui testado. Sou até um privilegiado. A simplicidade do gesto acirra a irracionalidade da espera. Porquê? Agora é mais do mesmo. Agora é esperar a sentença. Calado e parado. Afinal é um juízo. De um juiz sem rosto nem nome. E eu réu de culpa nenhuma. Só falei na rua. Só toquei o impuro. O veredicto chegou. O teste fala verdade enquanto mente. O negativo diz-se positivo. Estou condenado.

Décima primeira estação: Jesus é internado num pavilhão polidesportivo

Lavrada a sentença, uno-me aos amaldiçoados. Um armazém de doentes. Depósito de vírus. Num comboio de gente. Cada cama um vagão. Lado a lado dispostas. Olho à minha esquerda. Olho à minha direita. Condenados como eu. Uns resmungam a sua revolta. Gemem o seu desconforto. Outros mansamente quietos. Suportam tudo isto calados. Sou também uns e outros. Calo-me. Mas grito também. Tubos e fios amarram-me à vida. Amarram-me também estacama. O mesmo que me sustém, é isso que me prende. As artes da medicina fazem tudo por mim. O meu corpo já não responde. Eu já não respondo. Isto não tem cura. Faltam-me os meus. Onde estão? Não me podem visitar. Não os posso ver nem tocar. Imagino a sua angústia lá fora. Percebo. E não percebo. Também esta cura me falta. Um cuidado. Uma companhia. Uma palavra. Uma oração. Uma mão na minha mão. Um abraço. Um beijo. Porque me abandonaram?

Décima segunda estação: Jesus não foi contado nas estatísticas oficiais

Não sou já ninguém. Não tenho já nome. Esse está posto aos meus pés, como se para ser por mim próprio pisado. Sou um número entre números. Foi isso que escreveram sobre este leito. Sou apenas mais uma cifra nalguma contagem. Talvez nem isso. Até pelas contabilidades da doença serei ignorado? Sou apenas um ínfimo pontinho na linha de algum gráfico. Importo porque lhe acen-tuo o ângulo. Porque engrosso o volume de infetados graves. Porque não achato a curva. Sou já somente material para os modelos matemáticos. Variável a interferir com as projeções da pandemia. Como vim acabar assim? Nunca fui bom com números. E em número acabei transformado. Sou bom com nomes.

Mas esses, aqui não os encontro. O dos profissionais de saúde, não há forma de perguntar. O dos que estão a meu lado, desconheço. O meu, ninguém aqui conhece.

Décima terceira estação: Jesus, por fim, “expirou”

O fim aproxima-se. Pressinto-o. Já o vi acontecer por aqui. Já sei como é. A respiração arrasta-se. Tudo isto me sufoca. Trago o peso do universo inteiro sobre o meu peito. A cada golfada de ar preciso de o vencer. Os pulmões fraquejam. Tudo o resto também. O alento vai-me deixando, um pouco de cada vez. À minha volta reúnem-se mais batas brancas e máscaras que não escondem a apreensão. Tudo está preparado. O contraste é grande. Por fora, o corpo luta. Tantos lutam por mim. Por dentro, simplesmente me entrego. É preciso saber partir. No derradeiro momento, boicoto o vírus. Não, não és tu que me roubas a vida. Sou que a entrego. Se é pela respiração que me destróis. Então é pela respiração que te derroto. Morres comigo. E expirou.

Décima quarta estação: Jesus é sepultado
De novo à porta. Agora do cemitério. Jardim de pedras. É ali, só ali, que se podem fazer umas preces. Encomendá-lo a quem sempre esteve com ele. Assim lhe dizia a fé. Entre muitos, convalesceu só. Embora ladeado, morreu só. Agora, é coerentemente sepultado só. Ou quase. Apenas alguma família mais íntima. A mãe de que se isolara. Mais um ou outro amigo discreto. Estes, porventura, a mais. A pandemia não o autoriza. A ele já ninguém o vê. A urna vem selada. Ele não importa. Os que o choram também não. Ainda agora, só uma coisa importa: que o vírus não se propague. Nem na morte tem rosto. Ou toque. Ou beijo. Não há última vontade, nem mesmo depois da hora. Falta o perfume das flores. A oração é acelerada. O rito abreviado. Não se diz adeus assim! Não há vela. Nem nesta hora se-lhe faz companhia. Só há luto. E a pergunta calada que rasga por dentro: Quando terá isto fim?

P. Alexandre Palma, UCP, In: Expresso (06.04.2020)

VOLTEMOS AOS LUGARES DE ANTAS

cont. da 1.ª pág.

Já lá vão 3 anos!... Foi em “Voz de Antas”, n.º 283, de janeiro-fevereiro de 1918, que pela última vez forneci um artigo sobre alguns lugares de Antas. Nesse mesmo número agradeci a colaboração de vários profissionais que se ofereceram para a construção da obra que tinha prometido para breve. Até pedi a colaboração de uma lavadeira para que, no final, o trabalho saísse limpinho. Só uma se ofereceu mas, infelizmente, não me apresentou o necessário e indispensável diploma profissional.

Agora é fácil arranjar desculpas para o atraso da obra. Desde os ilustríssimos políticos aos competentes mestres de obras, e desde os felizes abastados aos esfomeados pedintes de rua, a desculpa nos atrasos e carências é sempre a mesma: COVID, COVID, COVID. Também me sinto tentado a alinhar com eles mas tenho que acrescentar alguma preguiça e desorganização da minha parte. Peço perdão.

Voltando atrás: os lugares a que já dei alguma publicidade foram os do Freixo, Foz do Neiva, Estrada, S. Paio de Cima, Pereira, Igreja e Monte. Faltam os de Azevedo, Belinho e Guilheta. Vamos a eles na esperança de que o maldito COVID nos não acompanhe.

O LUGAR DE AZEVEDO

O nome Azevedo deriva da palavra “acebo”, denominação antiga da planta azevinho. O acebo ainda se mantém na língua espanhola com esse significado. Há em Espanha, na província de Cáceres e bem perto da raia com Portugal, uma localidade denominada Acebo. Relativamente próxima, na província portuguesa da Beira Alta e concelho de Pinhel, existe uma aldeia chamada Azevo.

Azevedo era um sítio onde o “acebo” existia em grande quantidade. O sufixo “edo” também aparece na denomi-

nação de outros locais em Antas, como Moutedo (sítio de muitas moutas ou moitas) e Cerquedo (sítio de muitos carvalhos, do latim “quercus”). Em Portugal há apenas uma freguesia com o nome de Azevedo, no concelho de Caminha, mas são muitos os lugares assim denominados em algumas freguesias, principalmente do centro e norte de Portugal. No concelho de Esposende também há outro lugar de Azevedo na freguesia de Gemeses.

Como já foi referido relativamente a outros lugares da freguesia, não é possível determinar com rigor os limites de cada um. A primeira vez que em documentos oficiais aparece referido o lugar de Azevedo é nas Inquirições de D. Afonso II de 1220, já lá vão 800 anos.

Ái se diz que «*metade da vila de Azevedo é reguenga*», isto é, propriedade de El-Rei. As leiras e as bouças reguengas eram aforadas por três vidas a enfiteutas (arrendatários) que depois as podiam subarrendar, se previamente autorizados, também por três vidas, pagando à Coroa um encargo chamado “laudémio”, de valor variável, podendo equivaler à “quarentena” (2,5%), à décima (10%) ou à metade (50%) do valor da transação do domínio útil. O foro era pago em dinheiro ou em géneros depois das colheitas, “pelo S. Miguel de Setembro”. Além disto, também os arrendatários teriam de pagar a “lutuosa”, logo a seguir ao funeral do enfiteuta quando o seu herdeiro tomava conta dos bens por outra vida. Este imposto era variável mas em muitos casos equivalia ao valor do foro

Mais pormenores estão rigorosamente descritos em S. Paio de Antas - *Sua História Sua Gente*, páginas 65 a 69.

A outra metade da “vila” de Azevedo pertencia ao mosteiro de S. Romão, assim como todos os outros lugares da freguesia.

Outros pormenores ficam para o próximo número.

Raul Saleiro

HORA VERDE ENVELHECER AO NATURAL

Envelhecemos desde que nascemos. A jornada da vida é marcada por emoções, experiências e acima de tudo de conhecimento, que (curiosamente) surge na primavera mais amena do ciclo de vida, em que o corpo começa a manifestar sinais da passagem do tempo. Tal como a natureza, também o envelhecimento é um processo admirável, cuja perfeição é uma antítese perfeita entre o corpo cansado, mas enriquecido com algo que só a passagem do tempo permite adquirir: a sabedoria.

As folhas do outono, o casulo da crisálida, a flor que murcha e lança sementes, há vida em tudo o que a comporta. E o que é o envelhecer senão a maior vitória da humanidade? É este o momento de aliar e potenciar o poder da natureza a esta fase mais amena e sábia que alguma vez poderíamos viver.

O Hora Verde surge assim por um envelhecimento mais ativo. Somos um projeto com duas casas: a Associação Rio Neiva e a GRASSA acolhem metades de nós. De um lado, o ambiente, do outro, o apoio social, e, no meio, as raízes comuns com que ambas se enlaçam. Levar a natureza às pessoas, ou as pessoas à natureza, é a nossa missão, e não a quaisquer pessoas, mas aos idosos. Financiado pelo Prémio BPI “la Caixa” 2020, este é um projeto dedicado inteiramente a eles. Os últimos tempos serviram para mostrar o isolamento a que por vezes estão legados e, dentro do que nos for possível, queremos mudar isso.

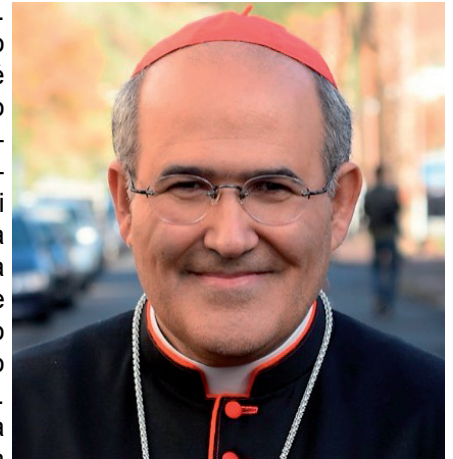
Ao longo do próximo ano, vamos realizar atividades mensais gratuitas com a natureza por mote, sempre. Queremos evocar o património natural que abunda em Esposende: o Parque Natural Litoral Norte, os rios Cávado e Neiva, as florestas e os campos. Há um mundo lá fora onde se confina sem paredes nem teto.

Pretendemos manter a continuidade do projeto com quem dele vier a fazer parte. Além das atividades, faremos visitas de proximidade e acompanhamento enquanto o Hora Verde durar. Estamos articulados com outras IPSS do concelho para chegar ao máximo de pessoas possível. As atividades serão diferentes, de forma a sobrepor uma variedade de interesses, e a maioria delas está adaptada a constrangimentos com mobilidade, demência e outros problemas. Não queremos só um envelhecimento mais ativo, mas inclusivo também. Se o tempo é uma corrida, então nós queremos correr com ele. Não envelheça. Venha crescer connosco.

Para mais informações: eas@rioneiva.com

CARDEAL D. JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA DISTINGUIDO COM O PRÉMIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O Cardeal D. José Tolentino de Mendonça é o vencedor do Prémio Universidade de Coimbra (UC) que vai ser entregue a 1 de março, na sessão solene comemorativa do 731.º aniversário da instituição. “Trata-se de uma figura ímpar, uma



pessoa da cultura, com uma visão social, com uma visão inclusiva da humanidade, do mundo, das pessoas, da sociedade, que tocou muito diretamente ao júri, que o nomeou por unanimidade”, refere uma nota enviada hoje à Agência ECCLESIA pela Universidade de Coimbra.

O Reitor da UC, Prof. Amílcar Falcão, acrescentou que o cardeal português se destacou dos outros candidatos ao prémio pela “figura inquestionável que é no plano nacional e internacional”. Amílcar Falcão explica que o Prémio UC mantém o valor de 25.000 € mas este ano, pela primeira vez, vai ser dividido em duas partes, “10 mil euros para o vencedor e 15 mil euros para uma bolsa de investigação” numa área que vai ser escolhida por D. José Tolentino Mendonça, biblista e arquivista da Santa Sé.

“Acreditamos que será, certamente, de uma área de inclusividade, de resposta às necessidades da sociedade num ano tão difícil como o que estamos a viver e em que a Humanidade, que é o tema da XXIII Semana Cultural da Universidade de Coimbra, fica muito bem representada com um premiado desta qualidade”, desenvolveu o reitor da Universidade de Coimbra, numa intervenção em vídeo.

D. José Tolentino Mendonça foi nomeado cardeal pelo Papa Francisco em outubro de 2019; biblista, investigador, poeta e ensaísta, o cardeal português nasceu em Machico (Região Autónoma da Madeira) em 1965, tendo sido ordenado padre em 1990 e bispo a 28 de julho de 2018; foi reitor do Pontifício Colégio Português, em Roma, diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e diretor do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, da Igreja Católica em Portugal. É comendador da Ordem do Infante D. Henrique, título que lhe foi atribuído em 2001 pelo ex-presidente da República Jorge Sampaio, e da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, atribuída por Aníbal Cavaco Silva.

Adaptado de Agência Ecclesia (25/02/2021)

PADRE DÂMASO LAMBERS

(1930-2018)

Há dois anos, no dia 22 de fevereiro de 2018, morreu, em Lisboa, o Padre Dâmaso Lambers, o homem que levou Jesus para a cadeia. Tinha 87 anos. Durante anos a Rádio Renascença foi como que a sua segunda paróquia. Cresceu no meio da guerra e desde pequeno que quis ser padre. Da Holanda à cadeia do Linhó vai uma grande distância, mais ou menos do tamanho de um coração inteiramente entregue a Jesus.

Hermano Nicolau Maria Lambers nasceu no dia 09.06.1930 numa Holanda ainda a viver a Primavera depois da Primeira Guerra Mundial. Nada fazia prever as nuvens negras que em breve viriam estragar os bons tempos, semeando morte e destruição. Nada fazia prever que um dia seria conhecido como Dâmaso e que passaria grande parte da vida atrás das grades, pregando numa língua estranha, num país desconhecido. Tinha 10 anos quando os nazis invadiram o seu país. O resto da infância e princípio da adolescência foram-lhe roubados pelos soldados alemães.

Foram tempos difíceis, passou-se fome, os jovens passavam os dias a procurar lenha para os idosos e os doentes, porque os invasores ficavam com o

carvão todo. Num mostra de generosidade, os alemães ofereciam sopa aos holandeses. “Era 99.9% água. Não alimentava nada, era ridículo”, recorda.

Morreram conhecidos, vizinhos foram fuzilados por ligação à resistência, mas nada abalou a fé do pequeno Hermano que ainda muito novo era dado a desaparecer de ao pé dos irmãos, sendo encontrado mais tarde ajoelhado no quarto a rezar. Ainda decorria a guerra quando manifestou interesse em ser padre, mas os seminários tinham sido bombardeados depois de ocupados pelos alemães.

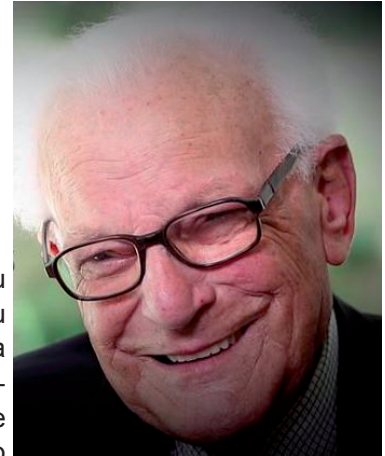
Foi orientado por alguns padres da congregação a que mais tarde se juntou, os Sacerdotes da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, tendo sido ordenado em 1955, aos 25 anos. Adotou o nome Dâmaso e foi assim que passou a ser conhecido o resto da vida.

Quería ser missionário, queria ir para terras exóticas pregar a Boa Nova, dar a conhecer Cristo, e foi com desagrado que em 1957 recebeu ordens para rumar a Portugal, onde o cardeal Cerejeira pedia mais padres holandeses para as missões populares. Mas obedeceu, como toda a vida faria com os seus superiores, incluindo com o cardeal Cerejeira, a pedido de quem até se naturalizou português em 1962, uma decisão que foi

mal recebida pelo seu pai, que o encarou e início como uma renúncia à sua identidade holandesa. Este país para onde veio contrariado acabaria por o conquistar.

Conheceu e tornou-se amigo de Monsenhor Lopes da Cruz, fundador da Renascença, e a sua colaboração com a Emissora Católica durou o resto da sua vida. Mas a sua grande vocação ainda estava para se revelar. Em 1959 deu uma conferência na prisão feminina de Tires e correu tão bem que o convidaram para dar mais, noutras prisões. Acabou por perceber que para poder ajudar os reclusos teria de se identificar totalmente com eles, oferecer-se totalmente a eles. “Para se meter no mundo dos presos é preciso renunciar a nós mesmos”. Primeiro como visitador, depois como capelão, ficou conhecido como o padre das prisões. Ajudou incontáveis homens e mulheres, amava-os a todos plenamente.

Não lhe chegava levar-lhes Cristo à prisão, ajudá-los com bens ou até com o dinheiro que tinha com ele – pois como recordou mais tarde um ex-recluso, havia muitos que se aproveitavam da sua bondade – e por isso fundou “O Companheiro” com a ajuda de alguns amigos, em 1987. O seu trabalho de capelania levou-o a Roma, foi recebido em audiência



por João Paulo II, com quem falou alguns minutos. O que ouviu tocou-o profundamente, nunca o esqueceu, mas também garantiu que nunca o partilharia com ninguém.

Em 2009 foi condecorado por Cavaco Silva com o grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito; em 2011 recebeu uma homenagem da Prison Fellowship International, uma organização mundial de inspiração cristã que se dedica à pastoral prisional e em 2016 foi a vez da “sua” Renascença inaugurar uma sala com o seu nome e prestar-lhe um tributo público.

Amensagem que deixou nesse dia foi quase idêntica à que repetia todas as semanas, nas missas semanais que celebrava na emissora. Uma insistência no carácter cristão da Renascença. Podiam estar só dois ou três na capela, mas era ali, no sacrário ou no altar que estava o coração daquela organização e ninguém que lá trabalhava o devia esquecer. Dava o exemplo. Era também esse o seu centro, o seu tudo.

Adaptado de Católicos Portugueses no Facebook

'FRATELLI TUTTI' [TODOS IRMÃOS]

1. *Fratelli tutti* (todos irmãos) é o título da nova encíclica do Papa Francisco, abrindo horizontes novos para a humanidade mergulhada numa profundíssima crise global. Cita Francisco de Assis escrevendo aos seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida segundo o Evangelho, convidando-os a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço: feliz quem ama o outro, “o seu irmão que está longe ou que está perto”. Inspira-se, pois, em Francisco de Assis: não é acidental que, publicada com a data de 4 de Outubro, a tenha ido assinar na véspera sobre o seu túmulo, em Assis. Não é a única fonte de inspiração: estão também presentes outros líderes espirituais e políticos, como Charles de Foucauld, Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Gandhi...

O subtítulo da carta: “Sobre a fraternidade e a amizade social”, explicitado nestes termos: “Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas actuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras.” Embora partindo das suas convicções cristãs, quer dirigir-se a todas as pessoas de boa vontade, num diálogo sincero e plural, para a realização de um sonho comum de dignificação de todos. “Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma Terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.”

2. Começou a ser escrita antes da pandemia, mas esta parece ter agravado ainda mais a situação e há sombras negras que pairam no horizonte, obrigando a pensar e a exigir que se mude de rumo. Exemplos de sombras e “tendências que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal”.

Não há um sonho comum mobilizador, “um projeto para todos”, o que se impõe é uma “cultura do descarte mundial”. A própria Europa avançava para variadas formas de integração, havia um anseio semelhante na América Latina e tentativas de pacificação e reaproximações noutras regiões. Mas “a história dá sinais de regressão”, reacendendo-se conflitos que se considerava superados, ressurgem nacionalismos “ressentidos e agressivos”. A ditadura do mercado quer impor um modelo cultural único e num mundo cada vez mais massificado perdemos a dimensão comunitária e encontramos cada vez mais sós. O avanço da globalização favorece normalmente a identidade dos mais fortes e ameaça as identidades das regiões mais frágeis e pobres e, deste modo, “a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes económicos transnacionais”. Acentua-se a perda da memória, das raízes e do sentido da história, ficando em pé “apenas a

necessidade de consumir sem limites” e um individualismo vazio. Aí estão “novas formas de colonização cultural”, sem pensamento crítico: “Que significado têm hoje palavras como democracia, liberdade, justiça, unidade? Foram manipuladas para utilizá-las como instrumento de domínio.” As redes sociais tomaram conta de muitos e a verdade esvai-se em *fake news* e no controlo das mentes, sem capacidade para pensar, tanto mais quanto se nega a outros «a capacidade de existir e pensar», recorrendo-se «à estratégia de ridicularizá-los, insinuar suspeitas sobre eles e reprimi-los». A sociedade acaba «reduzida à prepotência do mais forte» e «um projeto com grandes objetivos para o desenvolvimento de toda a humanidade soa a um delírio». Precisamos de nos construir como um «nós» que habita a casa comum de todos, mas isso «não interessa aos poderes económicos que necessitam de um ganho rápido». Pairam no horizonte ameaças de novas guerras, e a natureza dá sinais de alarme. Aumenta a riqueza, mas nascem novas pobreza e morre-se de fome aos milhões. «Os direitos humanos não são iguais para todos.» O clamor de migrantes e refugiados é ensurdecedor. Cresce a raiva das vítimas de racismo. As mulheres continuam a ver-se sem os seus direitos garantidos, e as condições de escravatura não acabaram. E continuam as guerras, os atentados, as perseguições, os muros..., e a solidão, os medos, as inseguranças. E “a terceira guerra mundial aos pedaços” é visível.

Será que aprendemos alguma coisa com esta crise dramática? É que não se pode ignorar que “o princípio “salve-se quem puder” traduzir-se-á rapidamente no lema “todos contra todos”, e isso será pior do que uma pandemia”.

3. Frente a este horizonte sombrio - excessivamente pessimista, dirão alguns -, a encíclica é um convite à esperança activa, com o samaritanismo. O exemplo é o bom samaritano. Ele era um estrangeiro, mal visto pela ortodoxia, e também tinha os seus afazeres. Mas, à beira da estrada, jazia um desgraçado semimorto, e ele parou, ajudou-o no que pôde, levou-o para a estalagem, pagou e disse que pagaria todas as despesas... Foi ele e não os dois religiosos (o sacerdote e o levita) o próximo daquele abandonado. “Vai e faz o mesmo.”

Para os cristãos, todos os seres humanos são irmãos e irmãs, porque há um Pai comum, Deus. Mas a fraternidade podemos ir bebê-la também, paradoxalmente, à mortalidade, como viu Herbert Marcuse, que não era crente. Já em vésperas de morrer, voltou-se para o amigo Jürgen Habermas: “Agora sei, Jürgen, em que é que se fundamentam os nossos juízos de valor mais elementares: na compaixão, no nosso sentimento pela dor dos outros. Somos mortais: logo, somos irmãos.”

Anselmo Borges (10/10/2020)